

Experiência Visitada: Projeto Pão da Vida/CE

Particpei como supervisora do CLIU em 2012, visitando o município de Viçosa do Ceará (CE), para acompanharmos a experiência de uma padaria criada para promover o sustento de obras sociais num dos distritos de Viçosa, a Vila de Oiticicas.

Quando se orienta no CLIU, existem diversos prismas diferentes que são coordenados temporal e geograficamente: primeiro existe a possibilidade de nós, enquanto supervisores, proporcionarmos o primeiro contato com a pesquisa científica orientada para um graduando. Para os supervisores, é uma oportunidade também de colocar em prática e disseminar técnicas de pesquisa variadas para estudantes mais jovens. Este trabalho se inicia bem antes da viagem em si, e me ensinou a ter responsabilidade com o que digo e ensino: quando se orienta estudantes mais jovens, você dá um viés bem forte do sentido da pesquisa e de seus instrumentos. O que para nós é construído academicamente, para eles ainda é dado: e aí entra a fundamentalidade (e responsabilidade) do orientador. Quando você diz: vamos por este caminho, na maior parte das vezes o orientando te acompanha por acreditar que você acumulou saberes suficientes para tomar esta decisão, e portanto, deve ser a melhor escolha. Ele tenderá a repetir estas escolhas ao longo da vida de pesquisador, por assimilação. Assim, ao promover o primeiro contato de pesquisa, é preciso ter cuidado extremo com as escolhas metodológicas, e estar atento para sempre sinalizar o porquê de cada escolha e quais seriam as opções possíveis.

Existe também o viés de termos de trabalhar com duplas de outra universidade. No nosso caso, trabalhamos com um supervisor e um graduando da Universidade Federal do Acre. Antes mesmo do contato com o campo em si, já existe esta estranheza e necessidade de compatibilização entre os dois mundos. São Paulo, que tem mania de auto-referenciação, precisa mais uma vez se despir do que fazemos no automático e aprender também: a ouvir, a dialogar, a aprender a falar na mesma língua de um outro campo de saberes. Quando estudantes de graduação são imersos neste contexto já no começo de suas vidas acadêmicas, tenho certeza que conseguirão ser muito mais ecléticos e abertos à diferentes mundos de pesquisa durante sua formação.

A jornada ao campo é bastante especial também. No nosso caso, fomos até o Recife, onde conhecemos nossa dupla de pesquisa, e seguimos por 8 horas de ônibus até Viçosa. A paisagem litorânea dá lugar a caatinga do serão nordestino, para então adentrarmos na serra do Ceará, que, para nossa surpresa, é muito mais parecida com o interior de São Paulo do que as imagens tradicionais que temos do sertão nordestino. Mais uma quebra de paradigmas e preconceitos: chovia todo dia! Nosso cotidiano era alternado entre uma paisagem bem arborizada e tranquila, na cidade, com o ar já abafado e seco do distrito de Oiticicas, cerca de

40 km distante da cidade. Eram durante estes percursos que íamos conversando, trocando experiências e visões sobre o que estávamos estudando. O próprio campo ia se construindo durante a visita, e os métodos surgiam enquanto as situações de pesquisa se construíam. Participar do CLIU é entender que não existe nada dado, pronto a ser estudado, completo: é a nossa vivência do campo que irá construir a experiência, de forma subjetiva. Por isso a importância de uma pesquisa extensa, de um mês, para os alunos: é preciso maturar, voltar ao mesmo local diversas vezes, conversar com a mesma pessoa cinco, seis vezes. Vê-las trabalhar, comer da sua comida, rir e jogar futebol. Pegar carona com os locais, perguntar do tempo, das eleições, da novela. O CLIU permite que retiremos as luvas de pesquisa e que fiquemos de lama até os joelhos. O campo faz parte do pesquisador e a pesquisa faz parte do campo. Fico feliz de termos a oportunidade de construir saberes de uma forma tão agradável quanto o CLIU, que foge do padrão tradicional de pesquisa de campo e orientação.

Após a volta do campo, a construção do relatório também é bastante interessante, pois é preciso condensar diversas visões de mundo de forma pragmática, em algumas laudas. Apesar de ser uma abstração da experiência vivida, nosso relatório se constituiu numa narrativa bastante personalista da visita, tentando capturar momentos e relatos cotidianos capazes de ajudar na explicação dos fenômenos vividos. Mais do que uma avaliação ou diagnóstico, o relatório é uma apresentação de experiências e impressões, compatível com o perfil dos estudantes envolvidos.

Acredito que o CLIU é capaz de propiciar um ambiente de pesquisa peculiar e muito fértil para a formação de novos pesquisadores, pois permite uma pesquisa alongada, com diversos pontos de interação, não só com a comunidade/experiência, mas também com o orientador e a dupla de outro local. Assim, para além de um mero relatório de pesquisa final, tem-se toda uma experiência de construção do campo e do pesquisador. Além do orientador, claro!
